

## CARTOGRAFIA DE AÇÕES DOCENTES DIANTE DAS MANIFESTAÇÕES DA SEXUALIDADE<sup>1</sup>

Andréa Cristina Martelli<sup>2</sup>  
Universidade Estadual do Oeste do Paraná- Unioeste

**RESUMO:** Este trabalho objetivou mapear as manifestações da sexualidade recorrentes nas salas de aula dos anos iniciais do Ensino Fundamental, como também analisar as ações docentes diante delas. A fim de alcançarmos os objetivos propostos, nosso caminho investigativo constituiu-se da análise de 72 (setenta e dois) questionários respondidos por professoras e professores (39 lecionam nos anos iniciais, 18 na educação infantil e 15 dividem seu tempo entre esses dois níveis de ensino), essas e esses participaram de atividades de extensão, sob a modalidade de grupo de estudos, intituladas “Sexualidade infantil: ressignificando conceitos e práticas e Encantos e desencantos na Sexualidade infantil”, nos anos de 2013 e 2014, relacionadas ao projeto de pesquisa “Cartografias de ações docentes diante da sexualidade”, sob nossa coordenação. Em decorrência da análise, percebemos que as manifestações são heterogêneas, pululam entre a exploração do próprio corpo até a descoberta do corpo da outra e do outro. Silêncio, conversas particulares, conversas “naturalizadas”, entre outras, desenharam o mosaico das ações docentes diante das manifestações da sexualidade, ou seja, da educação sexual entendida como todo trabalho a respeito da sexualidade com crianças, adolescentes e adultos.

**Palavras-chave:** Sexualidade; Educação Sexual; Sala de aula; Professoras e professores.

### Palavras iniciais

A sexualidade e suas manifestações presentes em todos os espaços sociais e constituinte da vida de todas as pessoas é um fenômeno que incomoda, inquieta,

<sup>1</sup> Resultado parcial do projeto de pesquisa “Cartografia de ações docentes diante da Sexualidade”, cadastrado no Comitê de Ética da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, com o número 0383211200000107, CAAE.

<sup>2</sup> Professora adjunta do curso de Pedagogia do *campus* de Cascavel, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas. Pesquisadora do Imaginar – Grupo de pesquisas sobre imaginário, educação e formação de professores e do Violar – Unicamp. [andreamartelli72@hotmail.com](mailto:andreamartelli72@hotmail.com).

Realização:



Apoio:



**DTP** Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:





intriga, ao passo que, também, seduz. Em meio a mistérios e exibições, proibições e permissões, transgressões e obediências construímos nossas sexualidades no movimento entre o pessoal e o social. Nossa sexualidade consiste numa construção social, influenciada pelas culturas, pela história, pela economia, pelas políticas, pelas religiões. Pensar em sexualidade nos remete a sua complexidade como fenômeno social inserido em tempos e em espaços marcados pelas relações estabelecidas entre homens e mulheres com o meio social e suas peculiaridades.

Dos diferentes espaços sociais que a sexualidade manifesta-se, a escola é o nosso local de pesquisas e estudos, tanto as manifestações da sexualidade infantil, como a formação de professoras e professores e suas atuações diante daquelas. A partir dessas considerações preliminares, o presente texto objetivou mapear essas manifestações recorrentes nas salas de aula dos anos iniciais do Ensino Fundamental no município de Cascavel, oeste paranaense; como também, analisar as ações docentes diante delas.

No intento de atingirmos os objetivos propostos, nosso texto estrutura-se basicamente em duas partes. A primeira abordará as manifestações da sexualidade infantil na escola; na segunda, faremos a cartografia das ações docentes. Enfatizamos que a tessitura do texto compreende a revisão bibliográfica com o entrelaçamento dos dados empíricos coletados nos grupos de estudos.

## A pesquisa empírica

Nossa aproximação com o campo empírico ocorreu com desenvolvimento de questionários para 72 professoras e professores<sup>3</sup> da Educação Básica (39 lecionam nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, 18 na Educação Infantil e 15 dividem seu tempo entre esses dois níveis de ensino). Essas e esses profissionais participaram de dois cursos de extensão<sup>4</sup>, “Sexualidade Infantil: ressignificando conceitos e

<sup>3</sup> Utilizaremos o feminino e o masculino na busca de uma linguagem não-sexista.

<sup>4</sup> Esses cursos foram promovidos pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná em parceria com a Secretaria Municipal de Educação de Cascavel, no ano de 2013.

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:



PlayBook



práticas e Encantos e Desencantos da Sexualidade Infantil”, relacionados ao projeto de pesquisa “Cartografias de ações docentes diante da sexualidade”, sob nossa coordenação.

Nesses cursos, convidamos os presentes a responderem ao questionário composto por 7 (sete) questões; no entanto, para alcançarmos os objetivos propostos nesse texto, nos deteremos nas questões: “Quais são as manifestações da sexualidade infantil mais recorrentes em sala de aula?” e “Como você age diante delas? Ou você não age?”.

Em seguida, à coleta de dados o primeiro momento, lemos as respostas para encontrarmos recorrências e idiosincrasias, as quais construíram nosso corpus de análise. As manifestações da sexualidade infantil mais recorrentes são o toque no próprio corpo (29 respostas) e no corpo da outra e do outro (16 respostas). No tocante às ações docentes, a conversa com naturalidade e sem constrangimento à criança é o procedimento mais adotado (34 respostas). Haja vista que se trata de uma abordagem qualitativa, as respostas com número menor de recorrências também serão analisadas no decorrer do texto dialogando com o nosso referencial teórico.

Após o contato com os dados empíricos, construímos um saber erótico a respeito da sexualidade, uma vez que não deveríamos considerar apenas a razão, sendo que “a vida empírica está aí para mostrar que, ao lado da razão, a paixão ou a emoção ocupam um lugar inegável; pode-se até dizer, um lugar cada vez mais importante” (MAFFESOLI, 2005, p. 165). Nas relações estabelecidas entre as pessoas coabitam razão e a emoção. Compreendemos que “A emoção não pode ser reduzida à esfera do privado, mas é cada vez mais vivenciada coletivamente” (MAFFESOLI, 1995, p. 76).

Nessa perspectiva, a noção<sup>5</sup> de “imaginário” ocupará destaque em nossas escritas; a compreenderemos no diálogo com Maffesoli, inspirado em Gilbert Durand. Para esses, o imaginário “é a relação entre as intimações objetivas e a subjetividade.

<sup>5</sup> No texto utilizaremos a palavra “noção” como alternativa teórica à palavra conceito. De acordo com Maffesoli, conceito é algo fechado, o que não coaduna com o momento de mudança de paradigma que vivemos (ICLE; MAFFESOLI, 2011, p. 522), nem com as nossas noções de produção de conhecimento.

Realização:



Apoio:



**DTP** Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:



PlayBook



As intimações objetivas são os limites que as sociedades impõem a cada ser. Relação entre as coerções sociais e a subjetividade” (MAFFESOLI, 2001, p. 80).

Os sonhos, o lúdico, a imagem, o simbólico, a imaginação, as fantasias e o onírico são inerentes aos fenômenos sociais, pois não se limitam aos fatos observáveis e racionais. Diferente do que o racionalismo ocidental defende, o imaginário não é a negação do real, mas a criação de novas relações, de um modo de conhecimento que saiba integrar aspectos considerados como secundários: o frívolo, a emoção e a aparência.

Em nossa vida, estabelecemos relações sociais em que depositamos nossas carências, nossos desejos, nossas fantasias, nossas intuições. Somos homens dotados pela razão; como também, somos seres desejosos, imaginativos, sonhadores, capazes de fabular, de criar, de simbolizar a realidade existente e a realidade possível (TEVES, 1992).

Tanto no tocante as manifestações da sexualidade infantil, como as ações docentes diante delas, procuramos colocar em suspensão (MERLEAU-PONTY, 1973) nossos julgamentos morais para compreender os fenômenos como eles são e não com gostaríamos que fossem. Compreender que as manifestações da sexualidade infantil e as ações docentes podem revolver ou não nossos imaginários de sexualidade; os quais, na maioria das vezes, estão cristalizados na reprodução de valores morais e religiosos advindos de nossas histórias de vida impregnadas pelas marcas das instituições sociais que pertencemos.

Na maioria das vezes, nosso imaginário é conduzido a refletir sobre as sexualidades, suas manifestações e seus significados como se fossem estáticos e inquestionáveis, e, em decorrência, reproduzimos esses conceitos e essas práticas sem reflexões críticas nos diferentes espaços sociais, dentre eles, a escola. (SANTOS, ARAÚJO, 2009). Por um lado, nosso imaginário reproduz as noções de sexualidade; por outro, podemos romper com o instituído e produzimos novos imaginários.

Não nos cabe aqui, posições judicativas das ações docentes; cada professora ou professor age baseado em suas experiências tácitas, em seus conhecimentos, em

Realização:



Apoio:



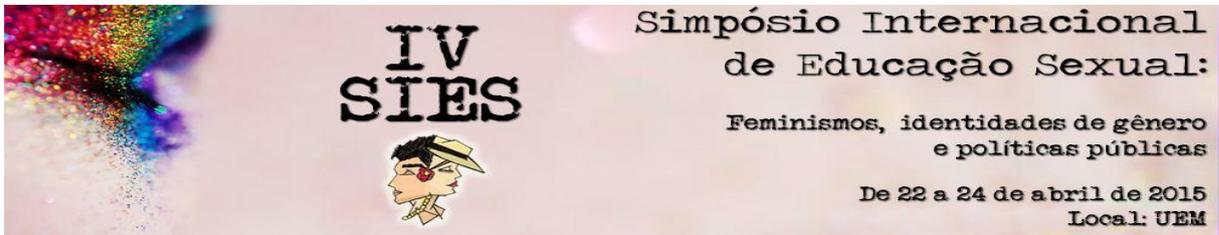
**DTP** Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:



PlayBook



suas percepções, em seus imaginários. Nessa mesma direção, não nos deteremos em qualificar se as manifestações da sexualidade infantil são adequadas ou não de acordo com a faixa etária ou qualquer outro elemento de corte. Compreenderemos a criança como “um exercício de infinitas possibilidades” (CAMARGO; RIBEIRO, 1999, p. 36). Como pesquisadora da área, me limitarei aos objetivos propostos, numa disciplina estética e ética para não ser traída pelo meu próprio imaginário.

### **Manifestações da sexualidade infantil**

A sexualidade e suas manifestações, na maioria das vezes, são abordadas com preconceitos, tabus, repressão ou reduzidas ao sexo, à reprodução e a contracepção. Freud – fundador da psicanálise – espantou a sociedade conservadora do final do século XIX com suas descobertas sobre a sexualidade infantil. Antes dele, nenhum autor reconhecera a existência de um instinto sexual infantil (NEREA, 1941, p. 62). Para este autor, a criança, ao nascer, traz consigo a sexualidade. “Certas sensações sexuais lhe acompanham o desenvolvimento através do período de lactação e da época infantil, sendo bem poucas as crianças que chegam à puberdade sem passar por atividades e sensações sexuais” (ibid., p. 15). Até a descoberta de Freud a criança era concebida como símbolo de pureza e um ser assexuado.

A partir dessa descoberta, as investigações sobre a sexualidade infantil se constituem objetos de pesquisas acadêmicas em diferentes perspectivas. Pouco a pouco, a sociedade se familiariza com as diferentes formas de manifestações da sexualidade das crianças. Em diferentes espaços sociais, a criança expressa a sua sexualidade, dentre eles, a escola. Se a escola se propõe a contribuir para o desenvolvimento integral de seus alunos, precisa concebê-los como seres humanos sexuados, pois a sexualidade é inerente à vida. Compreender o aluno como ser humano é reconhecer, compreender e dialogar sobre as questões de sua sexualidade, suas manifestações, suas dúvidas, suas curiosidades, enfim, toda a atmosfera que envolve esse aspecto.

Realização:



Apoio:

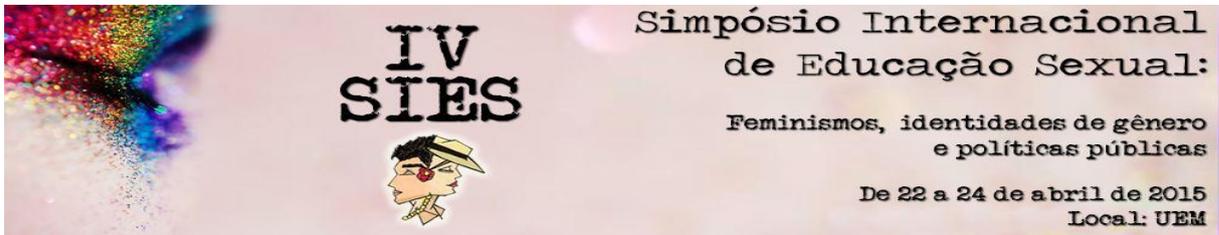


**DTP** Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:





A sexualidade da criança antecede seu nascimento. A família cria expectativas em relação ao seu gênero, ao seu sexo, a sua sexualidade. As roupas, os enfeites, os brinquedos, a lembranças de nascimento, o nome, inclusive, o próprio desempenho sexual são pensados de acordo com o sexo biológico da criança. Após a descoberta do sexo, o azul ou o rosa tornam-se as cores oficiais do enxoval. A tríade linear sexo - gênero - sexualidade fundamentada no modelo heteronormativo para o comportamento humano nos acompanha desde antes do nosso nascimento. Se menino, será masculino e heterossexual; se menina, será feminina e heterossexual. Essa concepção determinista não leva em consideração a sexualidade para além dos aspectos biológicos, muito menos as discussões de gênero, identidades e orientações sexuais presentes em nossa sociedade com maior destaque nos anos de 1980.

Em nosso entender, a sexualidade extrapola a dimensão biológica das pessoas. Compreendida aqui “como um processo histórico, cultural e social de construções de significados, de busca do prazer, de legitimação de discursos, de realização e de interação” (SANTOS, 2009, p. 60). Envolve identidade de gênero e orientação sexual, bem como, envolvimento emocional, amor e reprodução.

Cabe ressaltar que orientação sexual é a forma como vivemos nossa sexualidade, com pessoas do mesmo sexo, com pessoas do sexo oposto, com pessoas de ambos os sexos e tantas outras possibilidades que nos permitimos.

Também nos identificamos, social e historicamente, como masculino, feminino, ambos, hora um, hora outro ou, ainda, nenhum deles. E é dessa forma que construímos nossas identidades de gênero.

No espaço escolar, encontramos diferentes manifestações da sexualidade: palavras rabiscadas nas paredes e nas portas do banheiro, meninos e meninas espreitando-se, professoras e alunas grávidas, diferentes orientações sexuais, primeiras paixões, descobertas das diferenças, em outras palavras, os diferentes elementos que constituem a sexualidade, o uso do corpo e seus prazeres. No entanto, as manifestações da sexualidade não aparecem, apenas, de forma idílica, por vezes, o uso delinquente da sexualidade, ou seja, o atentado ao direito que todo indivíduo tem de propriedade sobre seu corpo (GABEL, 1997) se expressa quando crianças e

Realização:



Apoio:



**DTP** Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:



PlayBook



adolescentes carregam as marcas indeléveis de abusos sexuais. Entretanto, como recorte de pesquisa, não discutiremos as questões relacionadas à violência sexual.

Das manifestações da sexualidade infantil, constatamos que a exploração do próprio corpo é o objeto de curiosidade com maior recorrências, 39 (trinta e nove). A maioria das crianças explora seu próprio corpo com as mãos nos diferentes espaços da escola (sala de aula, no recreio, no banheiro), “a vivência da sexualidade, desde a infância, se justifica pela descoberta corporal, vista como um ato de autoconhecimento” ( FURLANI, 2009, p. 46). Brincar com os seus genitais “é um processo universal, esperado e benéfico do aprendizado infantil da sexualidade” ( FURLANI, 2009, p. 46).

Algumas crianças esfregam seus órgãos genitais nas cadeiras. Essa manifestação merece atenção docente, haja vista que pode ter diferentes origens. Talvez seja apenas a reprodução de uma sensação prazerosa oriunda da fricção do órgão genital num objeto firme, ou, alguma coceira ocasionada por infecção urinária, ou, ainda, a possibilidade da criança ser vítima de violência sexual. Nesse último caso, sugerimos que as professoras e os professores observem detalhadamente essa criança em outros momentos, se há mudança de comportamento, de aumento ou diminuição de apetite, como está a higiene, em outras palavras, é oportuno o conhecimento dos sinais de abuso sexual contra crianças a fim de proceder com atitudes coerentes diante desses fenômenos.

Outras crianças mostram seus órgãos genitais na sala de aula. Essa atitude, algumas vezes, é apreendida nas próprias famílias. Principalmente, tratando-se dos meninos, há uma exaltação ao pênis, a masculinidade, a troca de parceiras, a vida sexual adulta, a herança sexual do pai. No entanto, é muito incomum, uma família que ressalte a vagina da menina, que vislumbre uma vida sexual ativa com vários parceiros. Ao contrário, para a menina o comportamento reservado e acatado é o esperado e ensinado. Há uma dupla moral sexual, desde tenra idade. Para o órgão do menino, o exibicionismo, já, para o da menina, o secreto.

A criança pode repetir na escola o comportamento apreendido em casa e incentivado pela família. Segundo as professoras pesquisadas, o exibicionismo dos

Realização:



Apoio:



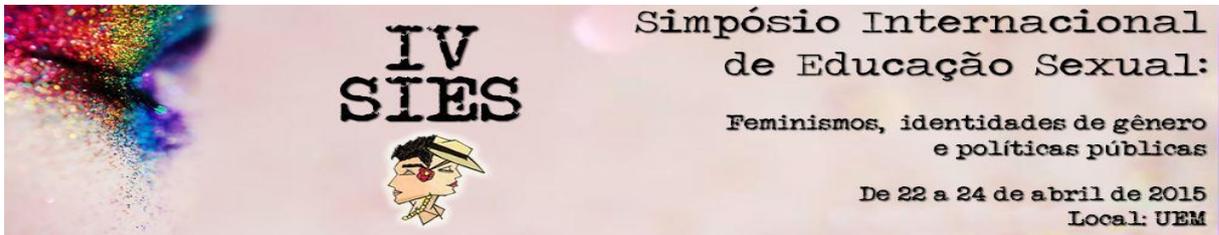
**DTP** Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:



PlayBook



órgãos sexuais é recorrente na Educação Infantil, quando ainda as crianças não incorporaram as imposições sociais sobre os corpos e seus segredos. Quanto mais tempo vivemos em sociedade, mais internalizamos as regras e os padrões sociais aceitos e rejeitamos, na maioria das vezes, com veemência os não aceitos.

O corpo da outra e do outro também é objeto de curiosidade com 26 (vinte e seis) recorrências. As manifestações da sexualidade infantil caracterizam-se pelo tocar e acariciar o órgão sexual do ou da colega, bem como o espiar no banheiro, beijar na boca e namorar. Consideramos que essas são características comuns do desenvolvimento sexual das crianças dos anos iniciais. A curiosidade, a troca de afeto e a reprodução dos comportamentos adultos pululam nos imaginários infantis na construção de sua orientação sexual e identidade de gênero.

As manifestações da sexualidade ocorridas nas salas de aula, nos pátios, nos corredores, ou seja, nas escolas instigam demandas educacionais e ações docentes.

### **As ações docentes diante das manifestações da sexualidade**

Lidar com as manifestações da sexualidade infantil nas escolas nos conduz, necessariamente, a repensar a nossa sexualidade, embora, a maioria dos profissionais da educação possa não admitir, somos educadores sexuais. As posturas de silenciamento diante das dúvidas, a repressão em face das perguntas ou a pretensa proibição da sexualidade e suas manifestações são formas de educar a sexualidade das crianças.

Como professoras e professores, podemos promover discussões sobre o assunto, ou, nos omitir utilizando diversos subterfúgios, dizendo que “Procurro falar que a escola não é o lugar para isso” (Professora A), “Para com isso, vocês são muito pequenos para fazer ou falar certas coisas” (Professora B), “Observo e peço para parar” (Professora C), “Chamo a atenção do aluno” (Professora D).

Acreditamos que uma das dificuldades em refletir sobre a sexualidade e de agir diante de suas manifestações na escola reside na necessidade de nós, professoras e professores, percebermos nossos discursos moralizantes, uma vez que a sexualidade

Realização:



Apoio:



**DTP** Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:





não é apenas uma área de estudo e, sim, um assunto de nossa vida pessoal, de fórum íntimo. dessa forma, “não é incomum que discursos que partem de denominações tais como desvio, pecado, escândalo, promiscuidade, anormalidade, imoralidade etc.” ( FERRARI, MARTELLI, 2013) são adjetivos às práticas sexuais, principalmente, as que fogem dos padrões hegemônicos.

A maioria das professoras, 34 ( trinta e quatro), relatou que age com naturalidade evitando o constrangimento das crianças. Percebemos que há tentativas de movimentar os imaginários de sexualidade no intento de agir de forma mais “natural”, ou seja, romper com os princípios repressores que orientaram a educação sexual recebida pela maioria das professoras e dos professores. Ao mesmo tempo, há o reconhecimento que consiste num trabalho delicado, pois perturba suas certezas e seus conceitos religiosos e familiares, sendo que discute-se valores e questiona-se preconceitos.

Outras professoras relataram que, dependendo da situação, trabalham com as crianças no coletivo por meio de atividades lúdicas, tais como danças, poesias, músicas e teatro. Aproveitam das atividades didáticas previstas no planejamento curricular para abordarem algum aspecto da sexualidade.

Das respostas, apenas 3 (três) disseram que não fazem nada em face das manifestações da sexualidade infantil. Chamou-nos atenção que uma das professoras apontou, como empecilho de atuação, a fragilidade de sua formação acadêmica nesse assunto.

Sobre os cursos de formação de professoras e professores, não compreendemos que a inserção no currículo de discussões que versem sobre a sexualidade apenas com o viés biológico ou psicológico poderia atenuar esse hiato, no entanto, acreditamos que discussões que compreendam os mitos, os preconceitos, os tabus, as inverdades e as imagens como construções sociais e culturais, desse modo, passíveis de mudanças. A sexualidade apresenta diferentes possibilidades de vivências e múltiplos prazeres ( FERRARI, MARTELLI, 2009).

Embora prevaleça a conversa como a ação docente mais recorrente, percebemos um mosaico de ações diante das manifestações. Não nos cabe aqui identificar a mais

Realização:



Apoio:



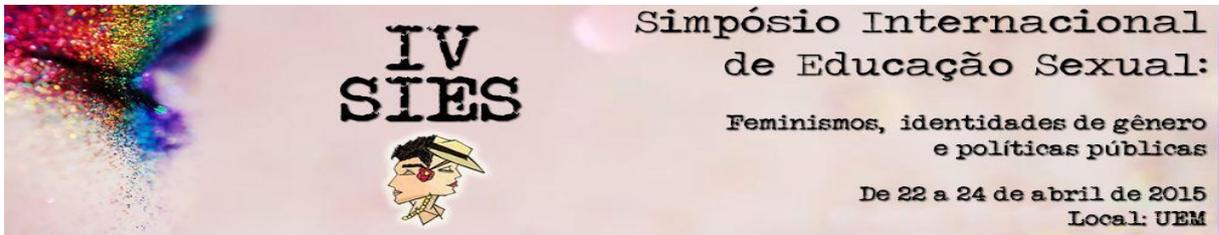
**DTP** Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:



PlayBook



ou menos correta, no entanto, não nos furtamos de salientar nosso posicionamento em defesa de uma educação sexual voltada à vivências mais livres, mais emancipatórias, mais prazerosas e, por consequência, mais saudáveis.

## Uma pausa

A escola como espaço de acontecimentos e constituídas por pessoas, é um espaço sexual por excelência. Compartilhamos de Maio (2011, p. 201) que “a escola pode deixar de ser um espaço de opressão e repressão na questão da sexualidade, para se tornar um ambiente efetivamente seguro, livre e educativo para todas as pessoas”.

Nossa pesquisa nos revelou manifestações da sexualidade infantil consideradas como inerentes ao desenvolvimento humano e sexual. O autoconhecimento por meio da exploração do próprio corpo e o conhecimento do corpo da outra e do outro são manifestações saudáveis e necessárias para a vivência de uma sexualidade emancipatória.

Referente às ações docentes, consideramos que estamos num terreno arenoso. Diferente de outros assuntos ou conteúdos trazidos em sala de aula, a sexualidade é um elemento de fórum íntimo, envolvendo nossas histórias de vida influenciadas pelas experiências religiosas e familiares. Falar de sexualidade com meus alunos e minhas alunas é, necessariamente, uma viagem a minha sexualidade. Minhas experiências pessoais influenciaram em minhas ações docentes, dito de outro modo, nosso imaginário de sexualidade. Fazemos essa afirmação com base em nosso estudo do doutorado, Martelli (2009).

A conversa como instrumento de interação pedagógica quando o assunto é sexualidade nos remete a algumas perguntas: De qual conversa estamos falando? Como conversamos com nossas alunas e nossos alunos sobre as sensações percebidas em seu corpo? Qual é a tonalidade de minha voz nessas conversas? Na minha conversa trago meus preconceitos e meus tabus sob a forma de orientações? Poderíamos elencar várias perguntas sobre a “conversa” como ação docente diante das manifestações.

Realização:



Apoio:



**DTP** Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:





No entanto, cabe ressaltar que a iniciativa de conversar sobre essa temática, na maioria das vezes, negada e escondida, nos revela o movimento dos imaginários docentes no sentido de educar de uma forma diferente de que foram educados. Consideramos que a conversa na escola sobre sexualidade constitui-se numa das possibilidades para contribuirmos com a ruptura de padrões sexistas, machistas, misóginos, homofóbicos, heteronormativos e, acima de tudo, a vivência mais livre e prazerosa da sexualidade como cidadãos e cidadãs, como homens e mulheres, como pessoas sexuais.

## REFERÊNCIAS

CAMARGO, Ana Maria Faccioli de; RIBEIRO, Cláudia. **Sexualidade(s) e infância(s):** a sexualidade como um tema transversal. Coordenação de Ulisses F. Araújo. São Paulo: Moderna; Campinas: Editora da Universidade de Campinas, 1999 (Educação em pauta: temas transversais).

FERRARI, Alexandre Sebastião; MARTELLI, Andréa Cristina. Formação de professores, educação sexual e PCNs: um olhar. In: MACNHOPE, Elenita Conegero Pastor; FIGUEIREDO, Ireni Marilene Zago; BUSSE, SAnimar ( orgs). **Ação e reflexão: a prática de ensino e seu espaço do fazer pedagógico nos cursos de licenciatura.** Cascavel: Gráfica Imprecolor, 2013.

FURLANI, Jimena. Encarar o desafio da Educação Sexual na escola. In: **Sexualidade.** Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. Departamento de Diversidades. Núcleo de Gênero e Diversidade Sexual. - Curitiba: SEED – Pr., 2009, p. 37-49.

GABEL, Marceline ( org.) **Crianças vítimas de abuso sexual.** São Paulo: Summus, 1997.

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:



PlayBook



ICLE, Gilberto ; MAFFESOLI, Michel. Pesquisa como conhecimento compartilhado. Educ. Real, Porto Alegre, v. 36, n.2, maio/ago, 2011, p. 521-532. Disponível em [www.ufrgs.br/edu\\_realidade](http://www.ufrgs.br/edu_realidade).

MAIO, Eliane Rose. **O nome da coisa**. Unicorpore, Maringá, 2011. MAFFESOLI, Michel. **Elogio da razão sensível**. Tradução de Albert Christophe Migueis Stuckenbruck. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

\_\_\_\_\_. O imaginário é uma realidade. **Revista FAMECOS mídia cultura e tecnologia**. Porto Alegre, Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Faculdade de Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, nº 15, p. 74-82, ago. 2001.

\_\_\_\_\_. **Contemplação do mundo**. Tradução de Francisco Franke Settineri. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1995.

MARTELLI, Andréa Cristina. O imaginário da sexualidade nas vozes de professoras. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, 2009.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Ciências do homem e fenomenologia**. Tradução, prefácio e notas de Salma Tannus Muchall. São Paulo: Saraiva, 1973.

SANTOS, Dayana Brunetto Carlin dos. Educação Sexual na escola: algumas possibilidades didático-metodológicas. In: **Sexualidade**. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. Departamento de Diversidades. Núcleo de Gênero e Diversidade Sexual. - Curitiba: SEED – Pr., 2009. p. 59 – 73.

TEVES, Nilda. O imaginário na configuração da realidade social. In: TEVES, Nilda (Org.). **Imaginário social e educação**. Rio de Janeiro: Gryphus/Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1992, p. 3-33.

Realização:



Apoio:

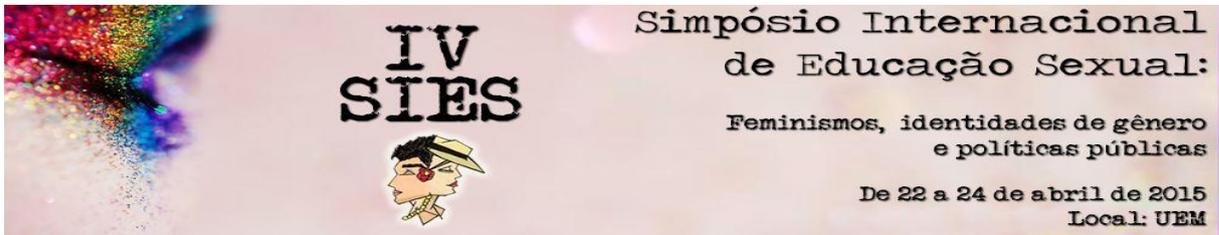


**DTP** Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:





## ABSTRACT

### Cartography of teacher actions facing sexuality manifestations

**ABSTRACT:** This study aimed to map the recurrent manifestations of sexuality in the classrooms of the early years of elementary school, as well as analyze the teacher actions facing them. In order to achieve the proposed goals, our investigative path consisted of 72 analysis (seventy-two) of questionnaires answered by teachers (39 teach in the early years, 18 in kindergarten and 15 divide their time between these two levels of education). All these teachers participated in outreach activities, in the study group mode, entitled "Children's Sexuality: giving new meaning to concepts, practices, charms and disenchantments in children's Sexuality" in the years 2013 and 2014, related to the research project "Cartographies of teacher actions facing sexuality", under our coordination. Due to the analysis, we realized that the manifestations are heterogeneous, transiting between the exploitation of their own body and the discovery of other's bodies. Silence, private conversations, "naturalized" conversations, among others, draws the mosaic of teacher actions facing the manifestations of sexuality, in other words, of sexual education.

**Keywords:** Sexuality; Sexual Education; Classroom; Teachers.

Realização:



Apoio:



**DTP** Departamento de  
Teoria e Prática  
da Educação



Patrocínio:

